



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SUSANA DOS ANJOS GUIMARÃES

**LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA: Relações
Étnicorraciais e Autoestima das crianças negras do Ensino
Fundamental**

Salvador/BA
2014

SUSANA DOS ANJOS GUIMARÃES

**LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA: Relações
Étnicorraciais e Autoestima das crianças negras do Ensino
Fundamental**

Monografia apresentada ao Colegiado do curso de Graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação pela Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Professor Doutor Eduardo David de Oliveira

Salvador/BA
2014

SUSANA DOS ANJOS GUIMARÃES

**LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA: Relações
Étnicorraciais e Autoestima das crianças negras do Ensino
Fundamental**

Monografia aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia,
Faculdade de Educação, Universidade Federal da
Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Aprovada em _____ de _____ de 2014.

Banca Examinadora:

Eduardo David de Oliveira (Orientador)
Professor Doutor em Educação

Ana Kátia Alves dos Santos
Professora Doutora em Educação

Flávia de Jesus Damião
Professora Mestre em Educação

Dedico esta monografia em especial a duas estrelas que hoje se encontra com Deus, minha tia/avó Maria Bernadete e a minha vizinha querida Maria Anitta (em memória), que infelizmente não tiveram a oportunidade de presenciar a minha conquista, mas em vida tiveram grande participação na minha educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Olorum (Deus), aos meus guias espirituais, ao meu pai Oxalá e a Oxossi Mutalambô por toda proteção e equilíbrio nesse momento especial de minha vida, pois sem eles eu não teria forças para caminhar nessa longa jornada.

A minha mãe querida Maria Cristina, exemplo de mãe que tem me dedicado, desde quando nasci um amor incondicional. Minha irmã Adriana e a minha filha Thalía Allana pelo amor e carinho, por compreenderem a minha ausência, pelo incentivo e por servirem de alicerce em minha vida.

Ao meu esposo Reinaldo Lima, que além do apoio e incentivo tem me dedicado a sua amizade, companheirismo, compreensão e amor.

A minha tia Gildenice, meu tio Calinhos, minhas primas Larissa e Lorena por mim acolherem em sua casa logo quando ingressei na Faculdade me ajudando no momento em que mais precisei.

A minha tia Maria Auxiliadora pelos momentos de ajuda nos trabalhos de campo da Faculdade.

As minhas queridas amigas/irmãs Bruna Monteiro, Kátia Mercês e Iaci Purificação companheiras dedicadas, anjos que Deus colocou em minha vida para sempre. Um agradecimento especial por sempre elevarem a minha autoestima me incentivando e ajudando nos momentos difíceis.

Aos poucos mais significativos amigos (as) que cultivei durante essa passagem na Faculdade de Educação da UFBA. Agradeço pela força, conselhos e carinho verdadeiro, em especial aos amigos (as): Jouze Vilar, Daniela Conceição, Cristina Kaiowá, Ramon Castro, Aline de Oliveira, Dilza Ramos, Georgia Santos, Neide Soares, Nalla Nascimento, Mabian Ribeiro, Taise Sé e outros.

Aos professores Eunápio Oliveira (Prof^o do ensino médio) e André Teixeira (pré-vestibular) que sempre me disseram que eu era uma ótima aluna e seria uma excelente pedagoga e me deram um maior incentivo para eu fazer o ensino superior.

A professora Luciene Santos (UEFS) que na disciplina Contação de história me fez lembrar de como é maravilhoso e encantador ouvir e contar histórias para as crianças e que de alguma forma me despertou para a escolha do meu tema de monografia.

Aos meus queridos mestres e doutores da FACED que fizeram partes da minha formação pessoal e acadêmica durante a minha graduação em especial: Maria Couto, Maria Izabel Ribeiro, Ana Kátia Alves, Sara Dick, Rosangela Araújo (Janja), Mary Arapiraca, Vera Fartes, Sandra Marinho, Paulo Gurgel, José Ney e Antônio Bahia. Obrigada pela bagagem de conhecimentos e teorias que tive a oportunidade de conhecer através de vocês.

E finalmente ao meu orientador Prof^o Dr^o Eduardo David de Oliveira, por seu desprendimento, palavras de incentivos, dedicação, conhecimento, carinho e competência. Características que tornaram esse trabalho uma realidade.

Gratidão é a palavra que define esse momento da minha vida. Olorum Modupé!

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta.

Nelson Mandela

RESUMO

Este trabalho monográfico foi realizado com o objetivo de apresentar reflexões e discussões acerca da temática da Literatura Afro-brasileira na valorização da autoestima das crianças negras das séries iniciais do Ensino Fundamental. Seu objetivo geral é analisar a utilização das Literaturas Afro-brasileiras como práticas pedagógicas para a valorização da autoestima das crianças negras. Assim sendo, para a exploração da temática em questão foi realizado um estudo de natureza teórico-bibliográfico. Organizada em quatro capítulos, esta pesquisa abrangeu: “O silenciamento de personagens negros na Literatura infantil” capítulo esse no qual trago um subtítulo que amplia a discussão no qual falo sobre “as representações negativas dos negros nas obras de Monteiro Lobato”, também discorro sobre “a Lei 10.639/03 para o fortalecimento da autoestima das crianças negras” e discuto no subtítulo deste capítulo a questão da “Literatura afro-brasileira para além das relações étnicorraciais”. No capítulo seguinte realizo uma análise de algumas histórias infantis afro-brasileiras e no último capítulo destaco uma discussão que permeia toda esta pesquisa monográfica que é “a importância da Literatura afro-brasileira na autoestima das crianças negras”. Foi um exercício de pesquisa muito importante e satisfatória desencadeado para produção de trabalho de conclusão de curso, no qual tive um resultado positivo e onde o mesmo deverá ser aprofundado na continuidade da minha vida profissional e em buscas acadêmicas posteriores.

Palavras-chaves: Literatura afro-brasileira; autoestima; crianças negras; Lei 10.639/03; Relações Étnicorraciais.

LISTA ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
CNE	Conselho Nacional de Educação
FACED	Faculdade de Educação
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNL	Plano Nacional do Livro Didático
SEPPIR	Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNICAMP	Universidade de Campinas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tia Nastácia cozinheira.....	21
Figura 2: Tia Nastácia contando histórias.....	22
Figura 3: Capando livro “O cabelo de Lelê”.....	37
Figura 4: “Pensa Lelê, no canto, a cismar”.....	38
Figura 5: Lelê ama o que vê!.....	39
Figura 6: Capa do livro “História da Preta”.....	40
Figura 7: Mapa de povos africanos.....	42
Figura 8: O batuque do Candomblé.....	44
Figura 9: Capa do livro “Bruna e a galinha d’angola”.....	45
Figura 10: Panô da galinha d’Angola.....	46
Figura 11: Bruna e sua nova amiga.....	47
Figura 12: As crianças da aldeia com a galinha.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. O SILENCIAMENTO DE PERSONAGENS NEGROS NA LITERATURA INFANTIL	17
1.1 AS REPRESENTAÇÕES NEGATIVAS DOS NEGROS NAS OBRAS DE MONTEIRO LOBATO	21
2. A LEI 10.639/03 PARA O FORTALECIMENTO DA AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS NEGRAS	27
2.1 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA PARA ALÉM DAS RELAÇÕES ÉTNICORRACIAIS.....	32
3. ANÁLISE DAS HISTÓRIAS INFANTIS AFRO-BRASILEIRAS	35
3.1 “O CABELO DE LELÊ”	37
3.2 “HISTÓRIAS DA PRETA”	40
3.3 “BRUNA E A GALINHA D’ANGOLA”	45
4. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA NA AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS NEGRAS	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

O tema escolhido para realizar este trabalho monográfico foi a Literatura afro-brasileira na valorização da autoestima das crianças negras das series iniciais do Ensino Fundamental I. O interesse em pesquisar sobre o referido tema surgiu de minha própria experiência como professora. Cursava Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA) quando estagiei em uma escola particular na ilha de Mar Grande, município de Vera Cruz. O município citado além de ser o local onde passava as férias desde criança é a terra natal de minha família materna. A referida ilha onde se localiza esta escola é banhada pelas águas da Baía de Todos os Santos e estar localizada na Região Metropolitana de Salvador. No período das lutas e guerrilhas pela Independência da Bahia, o atual município de Vera Cruz era integrado ao município de Itaparica, que teve uma grande participação nesse momento histórico. Em 1962 o município de Vera Cruz se separou do município de Itaparica ficando com 87% da área geográfica da ilha.

A turma na qual ensinava era multiseriada do 3º ao 5º ano, composta por 8 meninos e 7 meninas com idades entre 8 a 11 anos. Durante o período em que atuei como professora nesta escola vivenciei uma situação que muito me marcou e causou uma intensa inquietação e preocupação acerca das questões étnicorraciais que acontecia na sala de aula. O que ocorreu foi que uma aluna negra de 9 anos demonstrava estar insatisfeita por ter cabelos crespos desejando alisá-los para ser igual as outras meninas da sala. Sobre a questão da estética do cabelo a autora Nilma Gomes chama atenção quando diz que:

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo (GOMES, 2008, p.21).

Foi então que incomodada com a situação e com o intuito de provocar discussões e reflexões acerca das questões étnicorraciais nas aulas comecei a

utilizar como recurso lúdico pedagógico, diversas histórias e contos afro-brasileiros. Todos os dias eu e meus alunos fazíamos uma rodinha, conversávamos, cantávamos e depois eu iniciava uma história, esse momento era denominado de “A Hora do conto”. Salientando que eu narrava não só histórias de matrizes africanas como também, contos de fadas, fábulas e contos populares, sendo que eu procurava adaptar as histórias na qual tivesse princesas, rainhas, príncipes e reis negros e negras.

Dentro desse contexto tive a pretensão de tentar quebrar com os padrões do tipo ideal que os contos de fadas construíram ao longo do tempo no imaginário das crianças. Acredito que esse foi o diferencial e por isso encantou a turma, pois com o passar do tempo para minha felicidade os próprios alunos escolhiam as histórias ou contos afro-brasileiros para a hora do conto. O fato é que aquela aluna, assim como os outros alunos precisavam de um trabalho pedagógico de intervenção embasado no reconhecimento da diversidade étnicorracial, de aparência e de cultura e eu não poderia mudar aquela atitude com apenas uma simples intervenção, por isso continuei ao longo daquele ano falando sobre temas relacionados à diversidade cultural. Sendo assim foi uma satisfação para mim enquanto professora, todos os dias reservar 40 minutos da aula para a contação de história, pois é o que desde criança gosto de fazer, ouvir e contar histórias isso era constante no meu cotidiano e por isso cresci com uma oralidade aguçada e pude aplicá-la no contexto da profissão que escolhi de professora.

Depois de utilizar diversos contos e histórias e mais especificamente as Literaturas infantis afro-brasileiras na hora do conto, percebi que a menina não falava mais em alisar os cabelos, além disso, a turma se interessou bastante pelo tema principalmente pelas histórias que contava na sala. Dentro desse contexto acredito que a resposta positiva daquelas crianças em começar a se aceitar e valorizar a sua cultura se deu principalmente pela possibilidade de discutir, expor opiniões, inquietações, refletir, desconstruir conceitos e construir novos no ambiente da sala de aula.

Ofereci a meus alunos inúmeros referenciais voltados para a questão do negro, mostrando, por exemplo, que a diferença é um fator positivo, pois todos nós somos diferentes e cada um possui características peculiares. Percebi o quanto a Literatura exerce uma forte influência na vida das crianças possibilitando transformações, identificações e reflexões. Pois elas trazem através de suas

vivências e conhecimento de mundo uma variedade de temáticas, discussões e indagações relacionando esses três eixos através das histórias contadas e apresentadas na hora do conto. Esta foi à mola mestra que alavancou os meus alunos a expor suas inquietações sobre questões étnicorraciais, pois eles começaram a se identificar tais como são, com seus cabelos crespos ou lisos, brancos ou negros, enfim iniciaram um processo de construção de sua identidade como afro-brasileiros que são. Poder fazer este processo acontecer foi uma enorme emoção e satisfação para mim, enquanto estudante de Pedagogia, professora e afro-brasileira.

Então, foi no percurso dessa história, parte da minha vivência profissional, pessoal e diante de tantas inquietações que me peguei imbuída de um forte desejo de realizar uma pesquisa dentro da conjuntura da contribuição da Literatura infantil afro-brasileira na valorização da autoestima das crianças negras das séries iniciais do Ensino Fundamental. Sendo que, o principal interesse é o de aprofundar os estudos sobre a utilização das Literaturas infantis afro-brasileiras como um rico instrumento que auxilia o trabalho pedagógico voltado para valorização da autoestima das crianças negras. Essa temática vem para poder contribuir efetivamente para a minha própria formação e a de meus alunos.

Nesse sentido, acredito que existe uma grande relevância em estudar sobre esse tema, pois o mesmo instiga a sociedade e a mim como professora para uma questão importante e ainda pouco discutida na Faculdade de Educação. Seria de fundamental importância se no curso de pedagogia os alunos(as) ao longo da sua formação acadêmica tivessem disciplinas obrigatórias no seu currículo que contemplasse as questões étnicorraciais e saíssem da Faculdade com um grau de compreensão para saber lidar na prática com o preconceito racial e as diversas identidades dos nossos afrodescendentes.

Assim, de posse de algumas compreensões ainda incipientes, resolvi desenvolver o presente estudo como Trabalho de Conclusão de Curso para aprofundar as seguintes indagações: Como às histórias e contos afro-brasileiros contribuem para a valorização da autoestima das crianças negras do ensino fundamental I? E Qual a influência que a postura do professor pode exercer no processo de construção da identidade étnicorracial das crianças negras?

Esse estudo tem como objetivo geral, analisar a utilização das Literaturas infantis afro-brasileiras como práticas pedagógicas para valorização da autoestima

das crianças negras. E como objetivos específicos compreender as relações entre Literatura infantil afro-brasileira e o processo de valorização da autoestima dessas crianças negras e levantar contos ou/e histórias infantis afro-brasileiras que valorizem a autoestima dessas crianças.

Adotei como metodologia para esse estudo, uma pesquisa de natureza bibliográfica, buscando identificar e apreender ideias importantes de estudiosos da questão da Literatura infantil afro-brasileira e as relações étnicorraciais. De acordo com Severino:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos principalmente de livros, artigos, teses, bem como material disponibilizado na internet, os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p.122).

Para a realização da pesquisa bibliográfica, fez-se necessário, seguir os seis passos da leitura sistemática, conforme nos mostra Candorin (2002): reflexão sobre o tema, seleção das unidades de leitura, coleta de informações, resumo, reescritura e análise crítica. A leitura sistemática serviu de base para a compreensão, análise crítica interpretação e reinterpretação dos textos lidos que perpassam pelas questões já citadas. Nesse sentido, Köche (1997, p. 122) reforça que o objetivo da pesquisa bibliográfica é: “conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se instrumento indispensável a qualquer tipo de pesquisa”.

Assim sendo, utilizei como apoio para direcionar e fundamentar o desenvolvimento dessa pesquisa autores como: Iris Amâncio, Nilma Gomes e Miriam Jorge (2008), Eliane Cavalleiro (2001, 2003, 2005 e 2006), Heloísa Pires Lima (2005 e 2008), Florentina Souza (2004 e 2006), Kabengele Munanga (2005), Maria Cristina Gouvêa (2005), Nelly Coelho (1991 e 2000), Gercilga Almeida (2000), Valéria Belém (2012), Maria Nazaré Lima (2006) dentre outros.

Além dos autores acima citados, utilizei também para análise alguns Documentos Nacionais que discorrem acerca da Educação, entre eles: A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), O Plano Nacional do Livro Didático (1996), Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) por ser um documento

desenvolvido pelo Governo Federal, no qual os professores encontram referências para preparar suas aulas em todas as disciplinas e séries escolares, As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2004), Os Pareceres do CNE (Conselho Nacional de Educação) Nº 003/2004 e Nº 15/2010.

Salientamos que todos os autores, obras e documentos consultados contribuíram muito e foram de grande importância para a construção da base teórica desta pesquisa e, conseqüentemente, para a minha formação acadêmica e será de grande valia para a minha vida profissional. Assim, para atingir os objetivos propostos, esta monografia foi organizada em quatro capítulos além da introdução e considerações finais.

Na introdução, além da motivação e do ponto de partida do estudo, apresento os objetivos, a metodologia de trabalho e as contribuições dos autores e documentos oficiais utilizados durante a exploração do tema.

No capítulo 1 “O Silenciamento de personagens negros na Literatura infantil”, trago brevemente a história da Literatura infantil europeia e brasileira para mostrar a ausência dos personagens negros na Literatura infantil. Nesse capítulo é apresentado o subtítulo 1.1 “As representações negativas dos negros nas obras de Monteiro Lobato”, no qual disserto sobre a presença dos personagens negros nas obras de Monteiro Lobato, onde são descritos de forma negativos e estereotipados.

No capítulo 2 “A Lei 10.639/03 para o fortalecimento da autoestima das crianças negras”, trata especificamente da importância da criação desta Lei para a formação da identidade cultural afro-brasileira e para o conhecimento e a valorização da história dos povos afro-brasileiros. Já o subtítulo 2.1 “A Literatura afro-brasileira para além das relações étnicorraciais” traz uma reflexão acerca da Literatura enquanto arte literária que possibilita a quebra de alguns padrões normativos relacionados a preconceitos, discriminação, racismos configurando assim novas perspectivas, referentes aos indivíduos afro-brasileiros.

O capítulo 3 compreende as “Análises das histórias infantis afro-brasileiras”. Para a realização destas análises escolhi três Literaturas: “O cabelo de Lelê”, “Histórias da preta” e “Bruna e a galinha d’angola”, com o intuito de explorar questões referentes à cultura africana e suas contribuições a cerca da valorização da autoestima das crianças negras. Proporcionando assim reflexões acerca das relações étnicorraciais e materiais pedagógicos voltados para estas questões, cujo

objetivo é de romper com a visão estereotipada dos negros que foi transmitida por diversos meios inclusive através da Literatura ao longo da história e mostrar referências positivas para nossas crianças.

O capítulo 4 aborda “A importância da Literatura infantil afro-brasileira na autoestima das crianças negras” na verdade esta temática permeia todo este trabalho monográfico, mas neste capítulo trato especificamente sobre a importância de se trabalhar em sala de aula com as histórias infantis afro-brasileiras com a finalidade de valorizar a autoestima das crianças negras e a relevância em sua vida.

Por fim, as “Considerações finais”, onde apresento o fechamento de toda a discussão da pesquisa, destacando os pontos positivos por ter feito esta pesquisa e a satisfação de ter escolhido esse tema.

1. O SILENCIAMENTO DE PERSONAGENS NEGROS NA LITERATURA INFANTIL

Julgo importante nesse capítulo discorrer brevemente um plano de fundo da história da Literatura infantil europeia, para dar o contraste com a Literatura infantil afro-brasileira. Minha pretensão é apenas trazer um breve quadro analítico.

A Literatura infantil tem a sua origem na Europa e surge a partir de algumas transformações sociais. Foi através do advento da idade moderna, o surgimento da burguesia e a estruturação de um mundo capitalista com a Revolução Industrial, que se cria um tipo de sociedade e de família que começa a se preocupar mais com a educação e formação de suas crianças e jovens.

Embora já existissem manuscritos destinados às crianças, essas escritas formais eram feitas pelos protestantes com finalidade religiosa e moral. Portanto, antes do século XVII não existia uma Literatura específica para as crianças e também não havia uma concepção do que é ser criança ou até mesmo do que seja infância como temos atualmente. As crianças compartilhavam das mesmas situações sociais que os adultos, se vestiam como tais e eram vistos como verdadeiros adultos em miniaturas. Entretanto, a partir do fortalecimento da burguesia as crianças não eram mais vistas como adultos em miniaturas. Essa concepção se modifica e as crianças passam então a ser consideradas socialmente como um ser diferente do adulto.

De acordo com Nelly Coelho (2000) a Literatura é um fenômeno de linguagem, resultante de uma experiência existencial, social e cultural. Na época transmitia valores centrados na valorização da vida doméstica preparando para o casamento e na educação de herdeiros. Segundo Nelly Novaes Coelho a Literatura infantil também é:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo (COELHO,1991, p.5).

O principal objetivo da Literatura infantil é oferecer através do fictício e da fantasia, padrões para interpretar o mundo e desenvolver seus próprios conceitos de vida. É através dela também que a criança tem acesso à herança cultural de uma maneira adequada à sua idade, enriquecendo seu conhecimento e construindo sua personalidade.

No século XVII o francês Charles Perrault filho de membros da alta burguesia foi o pioneiro da Literatura infantil. Ele coletava narrativas populares e lendas Medievais e adaptavam-nas concedendo-as valores comportamentais vigente da classe burguesa. Perrault transforma as narrativas folclóricas que na época eram destinadas aos adultos em escritas viáveis ao público infantil sempre atribuindo valores que correspondiam ao gosto da classe social vigente da época, constituindo os chamados “*Contos de Fadas*”.

A Literatura Infantil tem seu início através de Charles Perrault, clássico dos contos de fadas, no século XVII. Naturalmente, o consagrado escritor francês não poderia prever, em sua época que tais histórias, por sua natureza e estrutura, viessem constituir um novo estilo dentro da Literatura, e elegê-lo o criador da Literatura da Criança (CARVALHO, 1982, p. 77).

Existia nestes contos de fadas um conteúdo padronizado, os personagens eram sempre princesas lindas e loiras, com cabelos longos e olhos azuis, os heróis eram sempre bons, belos, perfeitos e dotados de atributos extraordinários. Percebo também nestes contos um ideal de beleza como clássica e universal, que ressaltava os aspectos físicos e culturais específicos da Europa. Tenho como exemplos do que apresentei no decorrer deste texto os seguintes contos de fadas: *A Bela Adormecida*, *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O gato de botas*, *A gata borralheira* entre outros.

Assim sendo, percebo que nos *Contos de Fadas* o racismo é expressivo pela ausência da imagem do negro, havendo uma manifestação constante do preconceito baseado em diferentes fenótipos, ou seja, pela constante afirmação de um ideal de comportamento e beleza. Nesta perspectiva, os processos de construção identitária das crianças negras ocorrem de forma extremamente conflituosas, pois ao utilizarem o imaginário elas percebem que a imagem do negro é sempre negativa, estas então não reconhecem suas características corporais no modelo apresentado como ideal

para elas nos *Contos de Fadas*. Sendo que o preconceito racial influenciava diretamente na construção dessa identidade, pois os negros tendo como referencial o ideal europeu, conseqüentemente poderá atribuir características negativas a sua própria imagem, podendo acabar em revolta pela diferença em relação ao branco.

As primeiras edições brasileiras voltadas para o público infantil surgiu no século XVIII. Entretanto, essas obras eram precárias, irregulares e insuficientes para caracterizar como uma produção literária. Somente no século XIX após a Proclamação da República é que iniciou de fato a Literatura Infantil no Brasil como gênero literário. No entanto, essas obras tiveram grande influência europeia, principalmente portuguesa, sendo as narrativas apenas adaptadas à linguagem brasileira. Essas publicações de início eram destinadas à educação formal, à moralização e evangelização dessas crianças e jovens da época.

É no âmbito da ascensão de um pensamento burguês e familista que surge a Literatura infantil brasileira, repetindo-se aqui o processo ocorrido na Europa um século antes, e como no Velho Mundo, o texto literário preenche uma função pedagógica, associando-se muitas vezes à própria escola [...] (ZILBERMAN, 2003, p.207).

Apesar de a Literatura infantil vir para tentar suprir as necessidades de uma nova classe social e uma nova estruturação de um mundo capitalista, os personagens negros estavam ausentes nas narrativas literárias o que nos remete à marginalização da população negra na pós-abolição. A ausência do negro nos textos da época reflete uma mentalidade dominante voltada para os ideais de progresso e civilização que acontecia naquele momento no país. A burguesia procurava eliminar os antigos hábitos urbanos afastando dos grandes centros os grupos populares considerados como resistência à nova ordem social e o negro era visto como herdeiro de uma ordem social arcaica e ultrapassada, ligada à ignorância tendo que ser substituída por um modelo europeu vindo de ideias de progresso.

Os negros só aparecem nas obras a partir do final da década de 20 e início da década de 30, em um contexto histórico de uma sociedade que tinha passado por um longo período de escravidão. Nesse sentido as histórias dessa época mostravam as condições de subordinação e inferioridade dos negros. Além de serem quase ausentes, os negros não apareciam nas histórias de forma positiva, eram somente

referidos ocasionalmente como parte da cena doméstica. Eram personagens mudos, desprovidos de uma caracterização que fosse além da referência racial.

As crianças negras eram ilustradas e descritas através de estereótipos inferiorizantes, como burras, feias, malvadas sendo constantemente humilhadas. É notável, a ausência de negros e neste caso mais especificamente de crianças negras no papel de heróis, princesas, fadas e outros. Os negros em algumas Literaturas ou em sua maioria são estigmatizados através de arquétipos literários que acabam por negatizar a sua imagem, cultura e costumes e isso no contexto escolar é um sério problema no que diz respeito à valorização da diversidade. A identidade do negro mexe com a autoestima das crianças, pois pensamos que seja importante para uma criança negra, assim como para todas as crianças terem referenciais positivas de sua imagem.

Não quero dizer que os contos e Literaturas infantis não têm que ter “reis e rainhas”, “príncipes e princesas”, “heróis e heroínas”, o que é importante é incluir nelas esses tipos de personagens sendo representados por negros, que mostre através delas sua cultura, seus costumes para além dos estigmas que foram criados, afinal essas histórias servem de espelhos para as crianças, principalmente quando se fala da construção de sua identidade. A leitura de uma história infantil pode proporcionar a oportunidade de se deparar com situações vividas pelos personagens que provocam sensações, reflexões e formas de identificação que acrescentam valores na consciência da criança ao se identificar com os personagens, gerando assim, um conhecimento ético e estético. É através da construção estereotípica do negro que pode ressaltar intencionalmente ou não, relações de poder, padrões de beleza ou cultural estabelecendo imagens estereotipadas em mensagens morais.

Diante disso, quando penso no surgimento da Literatura infantil, seja no Brasil e no mundo, compreendo e percebo como seu desenvolvimento está diretamente relacionado às práticas sociais de cada época. Dentro desse contexto o Brasil herdou da Europa as histórias dos brancos com suas crenças, culturas e mitos que veio repassar para as crianças brasileiras valores estereotipados que durante um longo período estiveram presentes no imaginário e na vida delas, isto é a cultura do dominador sobre os dominados.

1.1 AS REPRESENTAÇÕES NEGATIVAS DOS NEGROS NAS OBRAS DE MONTEIRO LOBATO

Não há como falar da presença de negros na Literatura infantil e não citar Monteiro Lobato, pois ele foi um dos percursores da presença de personagens negros na Literatura. Entretanto, foi o autor de obras infantis que mais explicitamente expusera sua negrofobia (aversão ao negro). Seus personagens negros ora foram animalizados, ora resignados. Na sua obra os personagens negros são estereotipados, sendo que as personagens femininas negras são representadas como a empregada doméstica, a eterna cozinheira e babá. Como empregada de uma família branca, passa a maior parte do tempo dentro de uma cozinha.

Uma personagem muito conhecida e com essas características do autor é a tia Nastácia. Dona Benta (personagem do Sítio do pica-pau amarelo), obra infantil de Lobato foi proprietária dela na época da escravidão. Mesmo com a liberdade, Nastácia continuou trabalhando na casa de Dona Benta como cozinheira. Descendente de escravos apresentava um nível de escolaridade baixo, até menor que o dos personagens infantis do conto.



Figura 1 – Tia Nastácia Cozinheira

Na obra “*Histórias de Tia Nastácia*” (1937), a personagem é chamada “a negra de estimação”, diz que ela faz parte da família, mas, na verdade ela ocupa uma posição de inferioridade sociocultural e vive o tempo todo na cozinha sempre com um avental e um lenço na cabeça. O escritor em grande parte das suas obras

faz referência à Tia Nastácia com estereótipos racistas e preconceituosos, pois ele trata de forma discriminatória as características físicas da personagem. Emília (outra personagem de Lobato) sente-se superior a Tia Nastácia e a ofende o tempo todo se referindo a ela com palavras ofensivas e preconceituosas, negando as histórias contadas por Nastácia. A chama de Negra Beijuda ou, atribui a ela um nome referente à cor da sua pele: *Negra*.



Figura 2 – Tia Nastácia contando histórias

Como contadora de histórias a personagem retoma narrativas populares de tradição oral contando as histórias folclóricas da sabedoria popular dos seus antepassados, mas os outros personagens, os quais Lobato se refere sempre com superioridade, a criticam constantemente e dúvida do valor de verdade de seus contos fazendo críticas sempre negativas das histórias contadas, ou seja, a cultura popular é depreciada e o conhecimento de Tia Nastácia é associado à ignorância.

Os traços e estereótipos dos negros são descritos com desprezo e, até certo ponto, provocam sentimento de desprezo e horror. Observa-se tal afirmação na fala da personagem de Dona Benta em um trecho presente em “*Histórias de Tia Nastácia*” quando é observado um típico discurso racista:

Não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos mais adulterados ainda (LOBATO, 1937, p. 30).

Observa-se que o autor pelo fato dos contos de Tia Nastácia não terem origem Europeia, como os relatados por Dona Benta, e sim do conhecimento do povo repassadas de geração para geração, desvaloriza os conhecimentos de Tia Nastácia como contadora de história. Segundo Lajolo:

Tia Nastácia transfere para o lugar de contadora de histórias a inferioridade sócio cultural da posição (de doméstica) que ocupa no grupo e “além disso” (ou , por causa disso...) , por contar histórias que vêm da tradição oral não desempenha função de mediadora da cultura escrita , ficando sua posição subalterna à de seus ouvintes [...] (LAJOLO, 1998, p.2).

Em outro trecho do livro “*Histórias de Tia Nastácia*”, a personagem da boneca Emília diz:

“_ Só aturo estas histórias como estudo da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas. Não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras – coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto. Não gosto e não gosto” (LOBATO, 1937, p. 31).

O termo ao qual Emília se refere à Tia Nastácia “negra beijuda” cria um estereótipo na personagem, pois a discriminação está relacionada à aparência física da negra, vinculando também ao preconceito racial. Segundo Maria Aparecida Silva “*Quando se tem preconceito em relação a um determinado grupo de pessoas, costuma-se construir uma imagem negativa sobre esse grupo*” (2000. p.36-37). De acordo com Lajolo (1998) a linguagem com palavras ofensivas de Emília as histórias contadas por Tia Nastácia deve-se ao fato de que a narradora é negra e analfabeta, e repassa apenas aquilo que sabe por escutar seus antepassados contarem, não tendo valor no conhecimento cultural dos ouvintes, os quais acham “*bobagens de negra velha*”.

Lobato deixa bem claro mediante as escritas dos seus personagens negros a descrição negativa das características físicas e cognitivas, da relação dos negros com os personagens brancos e sua inserção no espaço social. Gouvêa vem nos dizer que:

[...] uma suposta inferioridade estética corresponderia uma desqualificação cognitiva. [Pois ao] animalizar os personagens negros, os autores reproduzem uma representação que associa tal inferioridade a uma menor capacidade cognitiva (GOUVÊA, 2005, p. 88).

Lobato ao criar tais características da inferioridade do negro em relação ao branco reflete o pensamento racista do período pós-abolição no qual se desenvolveu com as ideias do racismo científico, por meio do qual se compreendia o negro e seus descendentes como seres inferiores ao branco. De acordo com Guimarães “O pensamento racista brasileiro, daquela época, nada mais era do que uma adaptação do chamado “racismo científico”, cujas doutrinas pretendiam demonstrar a superioridade da raça branca” (1999, p.52).

Dessa forma, o negro, em especial na obra de Lobato, foi representado nas narrativas a partir do século XIX na Literatura infantil de maneira depreciativa e inferiorizada, colocado aquém do branco (Gouvêa, 2001).

Observa-se que, apesar de Lobato ter resgatado a cultura negra na sua obra, este resgate foi permeado pelo racismo e pela depreciação do povo negro através da caracterização negativa atribuída aos personagens negros. Podemos dizer que se reproduziu na Literatura infantil uma representação social das relações inter-raciais no Brasil no século XIX e início do século XX, representações em que uma visão racista e etnocêntrica se fez presente e se reproduziu em vários contextos sociais baseando-se nas teorias racistas em que os negros eram vistos como incapazes e incapacitados intelectualmente.

Em 30 de junho de 2010, foi protocolado no (CNE) Conselho Nacional de Educação pela Ouvidoria da (SEPPIR/PR) Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência, o Ofício nº 041761.2010-00, relativo ao Processo 00041.000379/2010-51 que coibia a Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal de utilizar livros, materiais didáticos ou quaisquer outras formas de expressões que, em tese, contivesse manifestações de práticas de racismo cultural, institucional ou individual na Educação Básica e na Educação Superior do Distrito Federal.

Este processo citado foi em decorrência da utilização do livro intitulado “*Caçadas de Pedrinho*” da 3ª edição, 1ª reimpressão, ano de 2009 das Obras de Monteiro Lobato, mas em particular a crítica foca de maneira mais específica a personagem feminina e negra Tia Anastácia e a forma estereotipada ao negro e ao universo africano. O mais curioso é que a publicação dessa edição toma alguns cuidados contextualizando a obra de Lobato com algumas mudanças sociais atuais como: a mudança da nova ortografia da língua portuguesa e esclarecendo sobre

atuais avanços na preservação do meio ambiente, não tomando cuidado com o desrespeito, preconceito e racismo explícito contido na obra contra os negros.

Apesar da submissão feminina e o preconceito racial fazerem partes das obras de Lobato, não se pode negar o papel importante que o autor tem para a Literatura Brasileira. Entretanto, os textos de Lobato geralmente privilegia a cultura eurocêntrica. A história e cultura do povo negro foram marcadas pela invisibilidade e silenciamento, pois escondeu seu cotidiano, seu jeito de falar e de estar no mundo. Pode-se dizer então que os escritos deste autor reproduziram e fortaleceram as tentativas sócio históricas de dominação a que foram submetidos os povos negros pós-abolição.

Estudiosos e fãs do escritor Monteiro Lobato se reuniram na época da aprovação do parecer na Academia Brasileira de Letras (ABL) e classificaram a decisão como “censura”, “desastre” e “absurda”. Não aceitaram que o CNE proibisse a distribuição do livro “Caçadas de Pedrinho” a instituições de ensino. A professora titular aposentada da Universidade de Campinas (Unicamp), Marisa Lajolo repudiou a decisão, para ela erraram em apontar racismo na obra do autor e julgou a atitude “autoritária”.

As obras de Lobato devem servir como instrumento para professores e profissionais da educação se empenhar em demonstrar aos alunos que o racismo precisa ser superado e combatido, que a distinção entre negros e brancos, baseada tão somente na diferença de cor ou a superioridade de raça, admitida em tempos antigos de triste memória, é hoje, no mínimo, injustificável.

Não se pode desconsiderar todo um conjunto de estudos e análises sobre a representação do negro na literatura infantil [...] as obras literárias e seus autores são produtos do seu próprio tempo e, dessa forma, podem apresentar por meio da narrativa, das personagens e das ilustrações representações e ideologias que, se não forem trabalhadas de maneira crítica pela escola e pelas políticas públicas, acabam por reforçar lugares de subalternização do negro (Parecer CNE/CEB nº 15/2010, p.4).

Apesar das obras de Lobato fazerem parte do contexto histórico e social vivido pelo autor, não podemos negar e nem fechar os olhos para o racismo e preconceito expostos nas obras dele, pois no momento em que o autor apresenta os

seus personagens negros com vários estereótipos negativos os preconceitos racistas são reforçados.

Em 1975 como resultado do esforço de alguns autores em abordarem temas considerados impróprios para as crianças e jovens da época é que vamos encontrar uma produção de Literatura infantil mais comprometida com a representação da vida social brasileira. Aos poucos são conhecidos nesse período obras em que a cultura e os personagens negros aparecem com mais frequência. Houve a tentativa de introduzir nas obras questões sobre a discriminação racial buscando resgatar a cultura e a identidade dos negros, valorizando a religião, as mitologias e a tradição oral africana. Essas obras mostravam o cotidiano do negro em situações de resistência a discriminação, mas infelizmente muitas delas acabavam reproduzindo o preconceito aos negros expondo os personagens a situações de inferioridade e humilhação. Como retrata a autora Florentina Souza quando diz que:

Essas histórias terminavam por criar uma hierarquia de exposição dos personagens e das culturas negras, fixando-os em um lugar desprestigiado do ponto de vista racial, social e estético. Nessa hierarquia, os melhores postos, as melhores condições, a beleza mais ressaltada são sempre da personagem feminina mestiça e de pele clara (SOUZA, 2006, p.187-188).

Fúlvia Rosemberg (1985), afirma que a Literatura infantil é um campo eficaz de criação de estereótipos, modelos e reproduções de valores combinados, representados como gênero que também atua na construção ideológica. Nesse sentido, a Literatura infantil como qualquer outra Literatura ou forma de arte, não pode ser entendida apenas como produto cultural de um período histórico, mas como explicitação de pensamentos, atitudes e padrões de uma classe social. É papel do professor(a) a desconstrução de hábitos racistas e preconceituosos para que seus alunos(as) não criem uma espécie de “exclusão social” e saibam desde pequenos lidarem com a diversidade. É função da escola ensinar valores para o desenvolvimento moral, ético e afetivo da criança, proporcionando aos alunos o respeito mútuo às diferenças raciais, culturais e étnicos.

2. A LEI 10.639/03 PARA O FORTALECIMENTO DA AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS NEGRAS

Uma educação antirracista não só proporciona o bem estar do ser humano, em geral, como também promove a construção saudável da cidadania e da democracia brasileira.

(Eliane Cavalleiro, 2005)

A figura do negro através da história foi colocada à margem da sociedade e, como tal, ele teve menos oportunidades e opções de sobrevivência. No Brasil, por exemplo, percebe-se que o negro ativo, participante do processo de formação do povo brasileiro, permaneceu por muito tempo esquecido, ou melhor, relegado à condição de um objeto da crueldade e da tortura de seus agressores. Apesar de muitos lutarem para conseguir vencer essa herança colonial, até hoje os negros precisam recorrer a Leis e normas impositivas para fazerem valer seus direitos e esse aspecto reflete diretamente no ambiente escolar. Diante do contexto dessa sociedade que discrimina as minorias étnicas, dentre as quais os negros e sua cultura, a escola se transforma em um espaço caracterizado pelas diferenças de convivência entre alunos dos mais diferentes perfis.

A presença da história da África nos Currículos e nos livros escolares brasileiros até meados da década de 90 pode ser considerada insignificante, já que o continente africano aparecia retratado de forma secundária associado frequentemente ao tráfico de escravos e a outros processos históricos tais como o colonialismo e o imperialismo. Na arena educacional, a década de 1990 foi marcada por várias iniciativas. Uma delas foi o Plano Nacional do Livro Didático (PNL), que no ano de 1996 submeteu os livros didáticos do ensino fundamental a uma avaliação. O objetivo desta avaliação era verificar se os livros possuíam erros conceituais e estereótipos negativos referentes à cor, origem, etnia, gênero etc. No mesmo ano esse quadro passou a sofrer mais modificações, com a entrada em vigor da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei Nº 9.394/96, dois anos após a criação do PNL e a LDBEN foi publicado os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da área de História em 1998, que sinalizava para uma possível aproximação desses currículos com os estudos africanos acarretando algumas adulterações.

Embora os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) deem margem aos professores (as) efetuarem as devidas classificações de conteúdos acerca da cultura afro-brasileira e da vigência da Lei Federal 10.639/03, que obriga os professores (as) a ministrarem esses assuntos em sala de aula, à maioria dos docentes além de não estarem devidamente qualificados, persistem no preconceito e resistência da abordagem da temática do negro africano nas escolas. Alguns professores alegam não se sentirem a vontade no ensino desta temática, pois não se reconhecem como afrodescendentes, outros se queixam da ausência desses conteúdos na sua formação. Entretanto, abordar a temática étnicorracial deve ser compromisso de todos (as) os professores (as) independente da sua cultura e da sua religião.

Segundo Munanga (2005) depois da sanção muitos desses professores foram obrigados a ensinar essa temática em sala e com isso, tiveram que enfrentar os seus próprios preconceitos e derrubar o mito da democracia racial que ameaça o imaginário da grande maioria desses profissionais. De acordo com o Parecer do CNE, existe um equívoco a ser esclarecido de que:

[...] o racismo, o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento só atingem os negros. Enquanto processos estruturantes e constituintes da formação histórica e social brasileira, estes estão arraigados no imaginário social e atingem negros, brancos e outros grupos étnico-raciais. As formas, os níveis e os resultados desses processos incidem de maneira diferente sobre os diversos sujeitos e interpõem diferentes dificuldades nas suas trajetórias de vida escolar e social. Por isso, a construção de estratégias educacionais que visem ao combate do racismo é uma tarefa de todos os educadores, independentemente do seu pertencimento étnico-racial (Parecer CNE/CP nº 03/2004, p.7).

Em reflexo desse contexto e como fator potencializador desse processo, em 09 de janeiro de 2003 foi promulgada a Lei nº 10.639/03 que, alterando e complementando o texto da LDBEN, tornou obrigatório no currículo do Ensino Fundamental e Médio o ensino da história e cultura africana nas escolas, pois os PCNs, apenas sugeriam tais conteúdos. Seguiu-se a essa Lei já em 2004 a formulação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Todos esses documentos apontavam para a importância ou obrigatoriedade da introdução do estudo da história africana nas escolas brasileiras. Diante disso, o artigo 26-A e

79-B da Lei 10.639/03, vêm buscando implantar uma educação de valores igualitária com o seguinte texto:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1ª – O Conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômicas e políticas pertinentes à História do Brasil.

§ 2ª – Os Conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

A crença daqueles que por ela lutaram e ainda lutam pela sua implementação, é a de que a escola é capaz de contribuir na construção de representações positivas em relação aos afro-brasileiros negros, não repetindo como afirma Munanga (2005), as formas humilhantes e pouco humanas que historicamente, tem sido reservada à história da população negra, contada nos livros didáticos. Parte do pressuposto de que o resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não pertence somente aos negros. Pertence a todos, uma vez que:

A cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social da identidade nacional (MUNANGA, 2005, p. 16).

Com a publicação desta Lei 10.639/03, ouve um avanço primordial para o conhecimento e a valorização da história e cultura dos povos afro-brasileiros, inserindo este conhecimento dentro do contexto da sala de aula das instituições de ensino pública e privada do Brasil. A Lei fez em 2013 dez anos e depois de uma década da adoção ainda existem escolas que resistem em adotá-la, seja por preconceito racial e religioso, seja pela falta de formação docente e

comprometimento da instituição de ensino. Petronilha (2013) ¹ diz que mesmo com o aumento de professores comprometidos, são poucas as escolas que incluem a temática africana e afro-brasileira. Além de abordarem os temas em datas pontuais como a “Abolição da Escravatura”, em maio e a Consciência Negra, em novembro.

O dos maiores obstáculos para as escolas implementarem a Lei principalmente as escolas particulares de origem confessional é o fato de relacionarem os temas africanos à religião de matriz africana se equivocando em associá-las ao Candomblé. Existindo a intolerância religiosa fica difícil trabalhar com essa temática quando o contexto da escola ou o professor(a) é de uma religião diferente do Candomblé, seja a Católica ou a Evangélica, pois é muito delicado entrar em discussão quando se fala em religião.

A referida Lei foi pensada na intenção de resgatar todo o processo histórico que foi renegado aos negros e que precisa ser retomado no ambiente social e escolar, possibilitando a ruptura de um modelo de ensino fechado e discriminatório. Passa-se a valorizar uma educação multicultural na escola brasileira. No dizer do autor José Fernandes:

Sem sombras de dúvida, a Lei representa um avanço ao possibilitar a construção de um multiculturalismo crítico na escola brasileira, ao tempo em que reconhece uma luta histórica do movimento negro em nosso país, cuja bandeira de luta consistia em incluir no currículo escolar o estudo da temática “história e cultura afro-brasileira”. Por outro lado, não podemos esquecer que muito ainda precisa ser feito para que a Lei não se torne letra-morta e venha contribuir, de fato, para uma educação multicultural (FERNANDES, 2005, p. 384).

O Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou no mês de março do ano de 2004 o parecer CNE nº 03/2004 determinando as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. As Diretrizes foram orientações necessárias para a formulação de projetos que estejam comprometidos com a educação de relações étnicorraciais de forma positivas procurando dar respostas na arena

¹<http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/educacao/lei-10-639-03-e-outras/22687-lei-10-639-decada-encoberta-por-fernanda-castro>

educacional para demanda da população afrodescendente. Neste contexto, as diretrizes ressaltam:

Que tais políticas têm como meta o direito dos negros se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias, manifestarem com autonomia, individual e coletiva, seus pensamentos. É necessário sublinhar que tais políticas têm, também, como meta o direito dos negros, assim como de todos cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnicorraciais [...] (Parecer CNE/CP nº. 03/2004, p.2).

Logo, as questões referentes ao racismo e discriminação devem ser abordadas na escola, pois esta tem um forte papel na formação social dos sujeitos, dando-lhes a possibilidade de lidar com situações referentes à discriminação e assim ter o poder de combatê-las. É notável o quanto a Lei 10.639/03 é importante para a formação da identidade cultural afro-brasileira, para o conhecimento e a valorização da história dos povos afro-brasileiros inserida em nosso contexto multicultural. É preciso valorizar a cultura afro-brasileira e os afrodescendentes uma vez que o negro é parte integrante da formação do nosso povo, haja vista que, ainda se percebe profundas manifestações de caráter discriminatórias no que se refere à cultura afro-brasileira em sala de aula.

Ao discorrer acerca dos desafios colocados pela Lei 10.639/03, Gomes assevera que do ponto de vista pedagógico, a superação das ideias preconcebidas acerca do continente africano e do negro brasileiro, poderá causar impactos positivos, “proporcionando uma visão afirmativa acerca da diversidade étnicorracial e entendendo-a como uma riqueza da nossa diversidade cultural e humana” (2008, p. 72). Em uma dimensão política, tal visão afirmativa da diversidade, segundo a autora, deverá ser problematizada com os alunos, à luz das relações de poder, de dominação e dos contextos de desigualdade e de colonização que envolve a história do negro em nosso país.

2.1 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA PARA ALÉM DAS RELAÇÕES ÉTNICORRACIAIS

A Literatura enquanto arte literária possibilita romper com os padrões normativos e configura novas perspectivas, tanto de ordem temática quanto de ordem discursiva, abrindo espaço para vozes questionadoras dos próprios sujeitos afro-brasileiros. Assim, tais sujeitos passam a ser protagonistas de sua própria história. A leitura de histórias afro-brasileiras faz com que o indivíduo entre em contato com outras culturas, lugares, tempos, óticas, realidades, éticas, épocas, experimentar diferentes emoções e sensações. Através dessas histórias é possível suscitar o imaginário, ter novas ideias, experiências e buscar soluções para diferentes questões, ela possibilita a descoberta de vivências e conflitos do cotidiano.

Não há como negar que o preconceito e a discriminação racial constituem um problema de grande valor para a criança negra, visto que essa sofre direta e cotidianamente maus tratos, agressões e injustiças, os quais afetam a sua infância e comprometem todo o seu desenvolvimento intelectual e desempenho escolar. A escola é um ambiente que precisa avançar nas relações entre saberes escolares/realidade, social/diversidade, étnico-cultural e para isso é preciso que os (as) alunos (as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, a estética, as relações raciais, entre outras. Nesse sentido Nilma Gomes afirma:

Trabalhar com essas dimensões não significa transformá-las em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter a sensibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação humana se manifestam na nossa vida e no próprio cotidiano escolar. Dessa maneira, poderemos construir coletivamente novas formas de convivência e de respeito entre professores, alunos e comunidade. É preciso que a escola se conscientize cada vez mais de que ela existe para atender a sociedade na qual está inserida [...] (GOMES, 2005, p. 143).

Segundo Eliane Cavalleiro “A desigualdade racial não é gestada apenas no ambiente escolar; em várias instâncias da vida social podemos constatar o tratamento diferenciado dado a negros e brancos” (2001, p. 148). Através da Lei

10.639/03 e as Diretrizes curriculares nacionais veio à concepção de que era preciso assumir o compromisso pedagógico e social de superar o racismo e a desigualdade que acontecia no ambiente escolar, onde a “ignorância” tem sido o principal fator para a propagação de preconceitos e discriminação, como diz Nilma Gomes tanto a Lei quanto as Diretrizes:

Trazem em si uma concepção emancipatória de conhecimento. Nelas está contida a ideia de que conhecer e compreender a história e a cultura africana e afro-brasileira é mais um passo no processo de libertação do racismo ambíguo ainda impregnado no imaginário e nas práticas sociais e pedagógicas (GOMES, 2008, p. 153).

Segundo Florentina Souza (2004), os textos da Literatura afro-brasileira ao longo da história são considerados objetos capazes de influenciar atitudes, comportamentos e de interferir na vida político/ cultural de um povo. Trabalhar em sala com a Literatura de matriz africana proporciona ao professor abordar questões étnicorraciais como também “cria oportunidades diversas para discutir aspectos culturais e históricos do continente africano e do Brasil, bem como fomentar o pensamento crítico acerca de realidades diversas” (AMÂNCIO; JORGE 2008, p. 108).

Uma educação antirracista como diz Cavalleiro (2005), não só proporciona o bem-estar do ser humano, em geral, como também promove a construção saudável da cidadania e da democracia brasileira. Os professores (as) brasileiros (as) necessitam urgentemente contemplar no interior das escolas a discussão acerca das relações raciais no Brasil, bem como de nossa diversidade racial. Esse êxito pode ser alcançado através da utilização dessas Literaturas infantis afro-brasileiras em sala de aula. Deste modo, é preciso não só boa vontade e sensibilidade dos profissionais da educação, como também o fornecimento de materiais didático-pedagógicos antirracistas, recursos auxiliares aos professores para que possam ministrar aulas combatendo o preconceito e a discriminação racial e cursos de formação que dê base para qualificar esses profissionais.

A busca por uma formação continuada é entendida como ponto positivo para os professores conforme esclarece Nilma Gomes, ao afirmar que:

Quanto mais complexas se tornam as relações entre educação, conhecimento e cotidiano escolar; cultura escolar e processos educativos; escola e organização do trabalho docente, mais o campo da Pedagogia é desafiado a compreender e apresentar alternativas para a formação dos seus profissionais (GOMES, 2008, p.19).

A ideia da formação continuada para esses profissionais da educação que vão se dedicar a ensinar a história e cultura da África e afro-brasileira precisa ser também uma formação reflexiva, que não requer apenas do professor o saber fazer, mas que ele possa saber explicar e compreender de forma consciente na prática, o grau de complexidade que envolve o preconceito racial no Brasil e as diversas identidades dos nossos afrodescendentes.

A formação continuada, segundo Freire (1997), está associada à condição do homem como um ser incompleto, que busca o nível de consciência da sua permanente construção, através do movimento constante de ser algo mais na sociedade. É necessário se formar professores (as) preparados (as) para lidar com a diversidade cultural em sua sala de aula, mas acima de tudo, preparados para criticar o currículo e suas práticas. São professores (as) reflexivos, que devem buscar modificar o ambiente escolar a fim de torná-lo menos opressor e mais democrático sem esquecer que o próprio aluno faz parte desse processo.

3. ANÁLISE DAS HISTÓRIAS INFANTIS AFRO-BRASILEIRAS

A Literatura Infanto-juvenil apresenta-se como filão de uma linguagem a ser conhecida, pois nela reconhecemos um lugar favorável ao desenvolvimento do conhecimento social e à construção de conceitos. [...] As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado.

(Heloisa Pires Lima, 2005)

Segundo Maria Soares de Gouvêa (2005), nas duas primeiras décadas do século XX havia a preocupação com a nacionalização da produção cultural vinculada ao ideal civilizatório, glorificando as grandezas do nosso povo e a terra identificando-as com a cultura europeia. Nesse período os personagens negros estavam ausentes nas narrativas literárias, o que nos remete à marginalização da população negra na pós-abolição. Porém, a partir da década de 1920, a produção cultural destinada ao público infantil busca falar do país olhando para a sua identidade cultural buscando trabalhar a temática do povo brasileiro, sua linguagem própria e suas raízes raciais e culturais.

A incorporação da temática racial a partir da década de XX na Literatura infantil fazia interlocução com os discursos produzidos no campo científico e artístico. Num primeiro momento, a presença do negro estava marcada ao passado escravocrata, à sua não civilização. Na medida em que cresciam as discussões acerca da brasilidade e a afirmação do negro na formação racial do país, sua representação na Literatura é alterada, entretanto:

Os negros aparecem como personagens estereotipados, descritos a partir de referências culturais marcadamente etnocêntricas que, se buscam construir uma imagem de integração, o fazem a partir do embranquecimento de tais personagens. Na verdade, mais que embranquecer os personagens, a literatura infantil do período dirige-se e produz um leitor modelo identificado com os personagens e as referências culturais brancas, marcando, portanto, um embranquecimento do leitor (GOUVÊA, 2005, p.79).

A ausência de personagens negros ou a sua marginalização nas histórias Infantis acarreta, de fato, sérias consequências no imaginário do professor(a) e aluno(a), criando uma realidade distorcida e preconceituosa, contribuindo para a

sustentação de uma ordem social desigual. Nas entrelinhas dessa ausência de personagens negros nas histórias notamos graves danos em relação à formação identitária das crianças negras e também das não negras. Segundo Munanga:

Não ser visível nas ilustrações do livro didático e, por outro lado, aparecer desempenhando papéis subalternos, pode contribuir para a criança que pertence ao grupo étnico/racial invisibilizado e estigmatizado desenvolver um processo de auto-rejeição ao seu grupo étnico/racial (MUNANGA, 2005, p. 25).

Sabemos que o racismo ainda é muito forte nos dias atuais, se olharmos, por exemplo, para os livros didáticos que contam a história do Brasil e para a própria história que é ensinada nas escolas pouco vamos ouvir sobre heróis negros, será que eles não existiram? Sabemos que sim. Também vemos todos os dias em diversos programas de televisão situações onde o racismo impera de forma tão explícita que parece ser surreal. Este é o caso da personagem Adelaide, do programa da TV Globo "Zorra Total". No programa humorístico, ela é uma mulher negra, pobre, sem dentes, que se refere aos cabelos da própria filha como "palha de aço". Nilma Gomes nos fala que:

Estas práticas racistas manifestam-se, também, nos livros didáticos tanto na presença de personagens negros com imagens deturpadas e estereotipadas quanto na ausência da história positiva do povo negro no Brasil. Manifestam-se também na mídia (propagandas, publicidade, novelas...) a qual insiste em retratar os negros, e outros grupos étnicos raciais que vivem uma história de exclusão, de maneira indevida e equivocada (GOMES, 2005, p. 53).

Destaco que por trás dessas situações racistas como já foi dito, há uma intenção de buscar a "padronização" do corpo, da beleza, por meio da valorização de um "ideal branco", o que tem impactos negativos especialmente, entre as crianças negras. Diante de todas estas situações que exemplifico e que infelizmente acontece no cotidiano de várias crianças, acaba por fazer com que elas se sintam inferiores e isso pode acarretar até mesmo dificuldade de aprendizagem no contexto da sala de aula. Hoje em dia notamos que aos poucos esse quadro negativo está sendo transformado, pois já é possível perceber certa consciência de que o racismo é perverso e precisa ser combatido em suas diversas formas. Atualmente já temos

algumas opções de contos, livros de histórias e outros materiais pedagógicos com o olhar mais atento para as questões étnicorraciais, cujo objetivo é de romper com a visão estereotipada que foi imposta aos negros ao longo da história e mostrar referências positivas para nossas crianças.

Neste capítulo pretendo analisar três Literaturas infantis afro-brasileiras sendo elas: “O cabelo de Lelê”, “Histórias da preta” e “Bruna e a galinha d’angola”, buscando explorar justamente questões referentes à cultura africana e suas contribuições a cerca da valorização da autoestima das crianças negras.

O meu critério de escolha dessas histórias foi por considerar importante destacar como as autoras trazem a compreensão sobre a relação étnicorracial presente no enredo de cada história destacando a sua identidade, cotidiano, cultura e estética dos personagens principais das histórias.

3.1 “O CABELO DE LELÊ”

“Lelê não gosta do que vê. De onde veem tantos cachinhos?”

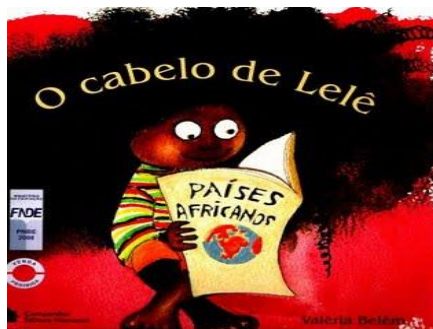


Figura 3 - Capa do livro “O cabelo de Lelê” (BELÉM, 2012).

O Cabelo de Lelê, livro escrito por Valéria Belém foi editado em 2007. O conteúdo foi elaborado a partir de uma menina negra dotada de cabelos cheios de rebeldes cachinhos: “[...] joga pra lá, puxa pra cá. Jeito não dá, jeito não tem (p.7). De onde vêm tantos cachinhos? De tanto “cismar” nesta pergunta ela resolveu procurar a resposta num livro pois, “toda pergunta exige resposta [...]” (p.9-10).

Lelê procurou, procurou até encontrar a resposta de todas as suas perguntas em relação aos cachinhos dos seus cabelos.

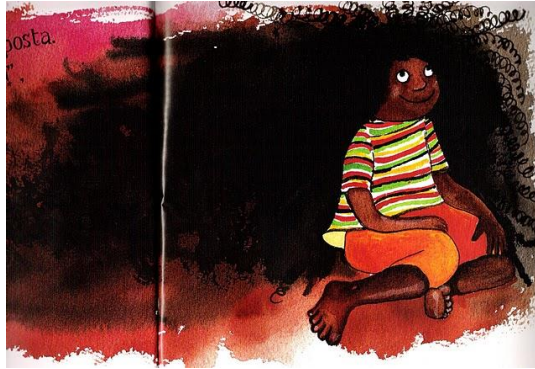


Figura 4 - “Pensa Lelê, no canto, a cismar” (BELÉM, 2012, p.10-11).

O cabelo é a parte estética do corpo que é mais discriminado e recebe variadas frases preconceituosas é a parte do corpo individual e biológico que agrega representações do corpo social e da linguagem como expressão cultural. No contexto escolar várias crianças recebem apelidos pejorativos por causa dos seus cabelos e alguns professores não sabem lidar com esse tipo de situação, pois alguns deles têm a dificuldade de assumir a diversidade étnico-cultural de seus alunos(as). O próprio título da obra “O cabelo de Lelê” já destaca essa marca de identidade, possibilitando reflexões de caráter social, simbólico, político, identitário e a relação entre o negro/afrodescendente e sua imagem. Na história a personagem Lelê não gostava dos cabelos cacheados e tinha curiosidade em saber por que eram daquela forma.

A história em estudo apresenta ao leitor infantil elementos que compreende o porquê dos cabelos com “tantos cachinhos”. Pelo fato de Lelê não gostar do seu tipo de cabelo isso leva ela querer saber sobre a origem dessa questão. Em busca dessa resposta Lelê vai à procura de um livro, “o tal livro muito sabido!” “Que tudo aquilo pode explicar” (p.13). Ao tentar entender de onde vêm “tantos cachinhos?” a personagem procura por meio dessa indagação, buscar a sua identidade a sua origem. A insatisfação com o cabelo revela uma diferença em relação ao outro, se

pode inferir o outro como “o branco”, onde é mais aceito socialmente. Segundo Goffman:

Os estereótipos dão origem ao estigma que, imputado ao indivíduo negro, dificulta sua aceitação no cotidiano da vida social, impondo-lhe a característica de desacreditado. Essa “marca” na relação social faz recair sobre o negro um olhar preconcebido, impedindo ao observador perceber a totalidade de seus atributos (GOFFMAN, 1982 apud CAVALLEIRO, 2003, p.24).

Um fato importante com relação a se utilizar as histórias em sala de aula é que elas nos fazem refletir sobre a importância da estética no imaginário e na vida cotidiana da criança e a sua formação identitária marcada pela aceitação da própria origem, como também ajuda na valorização da autoestima e respeito ao outro. Isso vai se revelando no decorrer da história, “O negro cabelo é pura magia. Encanta o menino e a quem se avizinha” (p. 24). O cabelo que no início da história era motivo de insatisfação torna-se agora, por meio de sua identificação com a sua cultura um encantamento promovendo à aceitação que se mantém até o final da história quando Lelê toda contente “já sabe que em cada cachinho existe um pedaço de sua história” (p.26) e quando diz: “Lelê ama o que vê! E você?” (p. 29), a autora leva de uma forma descontraída, a criança dar sua opinião diante dos conflitos e descobertas feitas pela personagem.



Figura 5 - Lelê ama o que vê! (BELÉM, 2012, p.29).

Com isso o cabelo, na história aparece como símbolo e representação da africanidade. Entre os afrodescendentes, muitas vezes, o cabelo apresenta-se desfigurado pelos alisamentos, negando de alguma forma uma identidade cultural. Nessa perspectiva, “O cabelo de Lelê” vem provocar aos pequenos leitores, no

sentido de conhecerem melhor os motivos que os fazem ter os cabelos com tantos cachinhos, valorizando as suas raízes. Sendo assim está história ajuda as crianças negras além de gostarem do hábito da leitura, a gostarem de sua estética e buscar conhecer a sua cultura, tendo a possibilidade de ver seus cabelos, a sua raça e sua história como também as suas características identitárias representadas de maneira positiva em uma criança negra. Essa obra literária colabora para que as crianças negras e afrodescendentes sejam despertadas para o mundo da cultura africana, quanto às crianças brancas a leitura da obra em análise contribui para conhecerem, compreenderem e respeitarem os afrodescendentes.

3.2 “HISTÓRIAS DA PRETA”

“Ser negra é como me percebem? Ou como eu me percebo? Ou como vejo e sinto me perceberem?”

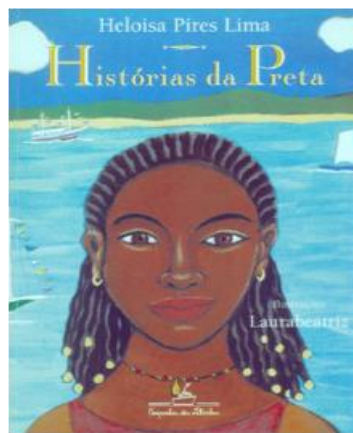


Figura 6 – Capa do livro “História da Preta” (LIMA, 1998).

O livro infanto/juvenil “Histórias da Preta” foi escrito por Heloisa Pires Lima e editado em 1998. O livro é dividido em Apresentação, África, O roubo do tesouro, são direitos ou são tortos? Historietas da Preta, Histórias do Candomblé e Diferente de ser igual. Outro aspecto interessante na estrutura é que a Preta é a narradora-personagem principal. A voz na história é dela, e é notável que ela tenha muitos traços da autora no decorrer da narração. A Preta sabe sobre sua origem mestiça,

mas se afirma enquanto negra valorizando a sua negritude em todo o decorrer da leitura.

A história conta as vivências de uma menina que se apresenta como a Preta, apelido carinhoso dado por sua madrinha, tia Carula. Diz à menina [...] “só ela sabia me chamar de Preta desse jeito que ficou tão doce” (p.12), pois quando os outros diziam que ela era preta, soava estranho e ela retrucava: “Eu não sou preta, eu sou marrom. Cor de doce de leite, como a canela, como o chocolate, como brigadeiro. Cor de telha, cor de terra. Eu sou assim... da cor dos olhos dos meus pais!” (p.12). E assim ela foi descobrindo que era a Preta marrom, uma menina negra. Em um momento ela diz que tem um amigo que só às vezes é preto, quando vai à praia no verão, mas reconhece que ser negro é muito mais do que ter um bronze na pele. “Como é, afinal, ser uma pessoa negra? Eu só respondo quando responderem como é que é ser uma pessoa que não é negra” (p.12).

A origem africana é assunto que percorre toda a obra, bem como a origem mestiça: “[...] Outro dia eu conversei com um amigo loiro cuja mãe sempre conta com orgulho que sua avó era negra [...] Eu, negra descendente de alemães, e ele, loiro descendente de crioulos. Ninguém acredita!” (p.13). Chama a atenção essa inversão positiva da mãe do amigo, que conta com orgulho a origem negra dizendo ainda que: “[...] “se todo mundo voltar no tempo e no espaço de sua história, vai descobrir que onde o bicho homem virou gente foi na África. [...] É dessa gente antiga que todo o mundo descende” (p.13).

A preta é uma contadora de histórias, haja vista o título da obra. Porém, de ouvidora de histórias, ela passou a ser leitora e, por último, escritora: “Fui crescendo com Lia, que me ensinou a escutar e a sonhar e às vezes a ter pesadelos com essas histórias. Às vezes líamos juntas. Depois comecei a ler de tudo, até que virei uma Lia. E Lia agora escreve livros” (p. 16). É notável a maneira criativa e envolvente com que a narradora- personagem tece suas ideias, sempre procurando brincar, jogar com os sentidos das palavras como no exemplo de *lia* (do verbo ler) e *Lia* nome próprio. Esse caráter lúdico-metafórico perpassa quase toda a obra, em outro momento ela diz: “Depois de mil e uma noites e dias de histórias sobre a África, entendi que por muito tempo os livros diminuíram alguns povos” ou “A África tem muitas etnias, isto é, muitos jeitos diferentes de ser num mundo aparentemente igual” (p.16).

A autora nos coloca em contato com a África, com definições de etnia, cultura, por meio de uma linguagem instigante, provocativa, reflexiva e muitas vezes, com ludicidade. Quando ela conta um dos mitos da criação do mundo pelos africanos, notamos um pouco isso: *“Sabe como o mundo foi criado pelos africanos”? Ou como os africanos foram criados pelo mundo? Ou como a criação criou o mundo africano? Ou como muitos africanos criaram as histórias da criação?* (p. 18).

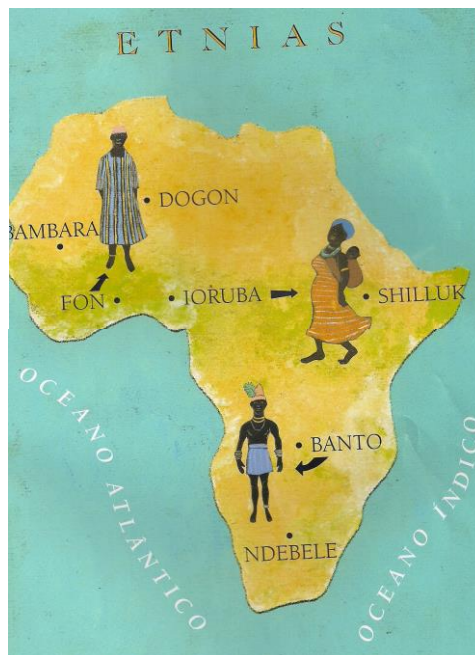


Figura 7 - Mapa de povos africanos (LIMA, 1998, p.19).

“Essas narrativas cheias de poesia são conhecimentos que contam sobre a criação do mundo: sabedoria sob o céu de estrelas africanas” (p. 22). A personagem nos conta histórias que aprendeu sobre os povos do continente africano dizendo que foi através dos contadores de histórias (os Griôs) que conheceu a história dos seus ancestrais e da criação do mundo. Esses homens e mulheres “viajavam pelas aldeias e dessa forma conheciam muitas línguas das regiões, [...] escutavam relatos e recontavam as histórias das famílias, como um conhecimento vivo” (p.26). Eles não escreviam nenhuma história guardavam todas na memória e depois recontavam, aprendendo essa arte desde pequenos, com os mestres. Por isso que

para os africanos a palavra tem uma dimensão sagrada, pois é por meio da fala que o mundo continua a existir no presente. A tradição da cultura africana tem na Literatura Oral a valorização da memória coletiva, pois as histórias são contadas em grupos para os grupos. Desse modo, é possível entender que:

A tradição oral é a grande escola da vida e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre permite a unidade primordial (BÁ, 1982 Apud MACHADO, 2002, p.71).

As Histórias da Preta falam de um povo que veio para o Brasil à força Homens, mulheres e crianças que foram arrancados de suas terras e foram escravizados. Perderam toda a liberdade, sofreram maus tratos. No entanto, sobreviveram à escravidão e acabaram fazendo do Brasil sua segunda casa. A partir da página 30 a Preta nos fala da captura de negros africanos, das etnias que vieram para algumas regiões do país. Percebemos verdadeira preocupação em mostrar outro lado da história não contada nas escolas, ou seja, uma versão diferente da história oficial, pois a Preta nos fala sobre o tráfico de gente bem detalhado: “Tinha o mercado de gente, o mercado de marfim, o mercado de ouro, e esses mercados dividiam e uniam etnias” (p. 39), durante essa travessia acontecia de tudo com esses negros “alguns dos apanhados conseguiam se jogar no mar: era preferível escolher morrer a viver escravizado” [...]. “Até de tristeza eles morriam — uma tristeza chamada *banzo*, que era a falta que sentiam de sua terra, de sua casa” (p. 41).

A Preta novamente conta várias histórias, buscando enfatizar que há outras maneiras de olhar algo ou alguém diferente, mostra a invisibilidade do negro ou a imagem dele sempre dominado, associado a tudo que é ruim: “A coisa está preta” (p. 54), sofrendo racismo. No dicionário, ela vê a definição dada ao negro: “*Assim eu não vou querer ser nem negra nem preta*” (p. 54). Ela vai trabalhando com os significados das palavras: *O sentido que nós damos às palavras indica o modo como vemos o mundo, traduz o que achamos das coisas [...]. “Sombra é bom quando tem muita luz, e luz é bom quando está muito escuro. O petróleo é negro e não é sujo, o carvão é preto e faz fumaça branca, e eu pensei em tantos opostos que se equilibram que... deu um branco na minha cabeça!”* (p. 54).

A autora apresenta uma abordagem histórica de cultura africana, passando pela definição de *etnia* e *racismo*, sempre trabalhando com uma visão do que é ser diferente. A Preta, vemos pela capa do livro, é uma jovem; porém, no decorrer da narrativa, dado o conhecimento e as reflexões que ela apresenta, já parece uma mulher adulta experiente como mostra nessa fala: “Certa vez, trabalhei com os índios pataxós, na Bahia...” (p. 55).



Figura 8 - O batuque do Candomblé (LIMA, 1998, p. 16).

Como não poderia deixar de ter a religião do Candomblé na história, Preta nos conta sua experiência em uma festa de caboclo: “A festa foi uma flecha que me atirou para dentro de um mundo desconhecido” (p. 60), pois ela havia estudado em escola de freiras: “Quando se é criado numa religião, aprende-se a evitar as outras. Das religiões de origem africana, sempre me chegavam informações muito preconceituosas” (p. 60). A Preta nos fala do Candomblé, dos lorubas, dos Orixás: Oxum, Oxumaré, Xangô, Oxossi, Obaluaiê, Iansã e outros. Sendo uma forma lúdica de apresentar a religião do Candomblé para o leitor da história. Finalizando os capítulos ela retoma o que é ser diferente, ser igual, sempre procurando mostrar o lado enriquecedor da diferença e a igualdade de direitos: “Quem são os mais diferentes? Depende de como eu sou. Mas e se eu for muitos? Então vou ser parecida com muitos [...]. Somos iguais no direito à vida” (p. 68–69).

A carência da devida valorização das características físicas e culturais dos negros acaba por resultar em rejeição das crianças negras de sua ancestralidade e todos os símbolos a elas relacionados, prejudicando sua identidade em formação. A autora brilhantemente vem com o livro nos possibilitar conhecer muitas histórias da África contada de uma forma que os livros didáticos nunca contaram isso para o leitor infantil é de uma riqueza grandiosa, pois a partir daí que as crianças e também os adultos desmistificam a imagem que sempre colocaram como um país onde só tem selvas e negros doentes e famintos, possibilitando que as crianças afrodescendentes se identifiquem com a sua origem e sua cultura.

3.3 “BRUNA E A GALINHA D’ANGOLA”

Conquém, onde você está? Com quem nós vamos brincar?



Figura 9 – Capa do livro “Bruna e a galinha d’angola” (ALMEIDA, 2000).

O Livro infantil “Bruna e a galinha d’Angola” foi escrito por Gercilga de Almeida em 2000. Ela retrata o universo mítico africano representado pela Galinha d’angola e sua relação com a criação do universo de uma forma didática, lúdica e prazerosa. A galinha d’angola é uma ave originária do continente africano e um dos símbolos da África.

O texto além de contar a história de uma menina, neta de africana, que conquista amizades depois que ganha uma galinha d'angola, a autora também conta uma história da criação do mundo. O texto mostra o quanto que se carrega de histórias na memória e o quanto que objetos significativos podem ser fundamentais para o ato de lembrar e criar vínculos afetivos entre as crianças. As histórias contagiam e podem trazer transformações, este livro sugere a arte de modelar o barro e a pintura de tecidos.



Figura 10 - Panô da galinha d'Angola (ALMEIDA, 2000, p.5).

Bruna era uma menina que se sentia muito sozinha (p.4). Sua avó veio da África e sempre lhe contava histórias, “Uma que ela gostava muito era a do panô da galinha que sua avó trouxera da África”. (p.4) “Conta a lenda de uma aldeia africana que Ósún era uma menina que se sentia só e para lhe fazer companhia resolveu criar o que ela chamava de ‘o seu povo’. [...] Foi assim que surgiu Conquém, ou melhor, a galinha d’Angola deste panô”. Bruna então “pediu a seu tio que era um bom oleiro (Pessoa que cria objetos de cerâmica), que lhe ensinasse a trabalhar com barro” (p.8). Bruna então modelou na argila a galinha d’Angola e passou a brincar com o brinquedo que ela mesma modelou.



Figura 11 - Bruna e sua nova amiga (ALMEIDA, 2000, p.11).

No dia de seu aniversário, sua avó lhe deu uma galinha d'Angola de verdade que andava e gritava: _ Conquém! Conquém! (p.10). As outras crianças da aldeia que não brincavam com Bruna foram se aproximando dela e pedindo para brincar com a Conquém, aí Bruna arranhou muitas amigas e fizeram muitas galinhas de barro iguais a Conquém (p.12).



Figura 12 - As crianças da aldeia com a galinha (ALMEIDA, 2000, p.13).

Certo dia a Conquém ciscou muito num terreno próximo à aldeia (p.14), até que achou um botão, um carretel, um anel e por fim um baú. As crianças descobriram que era da avó de Bruna e então viram no baú um panô que contava a lenda africana dos animais que ajudaram a Conquém na criação do mundo e de seu povo. E assim a avó Nanã contou como os animais ajudaram na criação do Mundo.

“Conquém espalhou a terra quando desceu do céu para a Terra, o lagarto desceu para ver se a terra estava firme e o pombo foi avisar aos outros animais que já podiam descer para habitar naquele lugar” (p.16).

Bruna e suas amigas ficaram muito conhecidas, porque todos da aldeia se juntavam para verem e ouvirem a história do panô. Sua avó resolveu ensinar as meninas a pintarem tecidos, como os que ela fazia na África, isso fez com que a aldeia de Bruna ficasse conhecida (p.18). Foi assim que todas as pessoas da aldeia de Bruna decidiram torná-la mais bonita e pintaram suas casas com as cores dos panôs da galinha d’Angola (p.20). Um dia a Conquém sumiu e todas as meninas saíram a sua procura. “Tanto procuraram que a acharam bem escondidinha no mato. As meninas encontraram um ninho com um belo ovo que ela protegia e chocava” (p.22). No passar do tempo todas as meninas da aldeia tinha uma galinha d’Angola [...] “e até hoje o povo daquela aldeia conta a história de Bruna e da galinha d’Angola para aqueles que compram os belos tecidos pintados pelas meninas” (p. 22).

Gercilda de Almeida escolheu a bela imagem-símbolo da África a galinha d’angola para com ela contar, a crianças e adultos, a história de como a terra ficou segura e de como Bruna e suas amiguinhas da grande aldeia chamada “Terra” se afeiçoaram à Conquém, na beleza de sua pele escura pintada de pequenas bolas brancas. Na história as crianças se encantaram com a presença da galinha na aldeia e tiveram a oportunidade de conhecer mais sobre a cultura dos seus ancestrais.

Essa história contada de forma lúdica tem o tema de estudo à “África” e o cotidiano negro fazendo com que as crianças conheçam e percebam a cultura negra presente em nossa sociedade. No capítulo a seguir iremos discorrer sobre a importância dessas histórias que foram analisadas no processo de valorização da autoestima das crianças negras na fase escolar. Como o simples fato de contar histórias com personagens que elas se identifiquem faz com que as crianças valorizem a sua autoestima consequentemente o seu processo de identidade afro-brasileira.

4. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA NA AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS NEGRAS

Nós negros e negras somos as maiores vítimas do racismo e preconceito em nossa sociedade. Infelizmente nossas crianças não estão livres de tal situação, pois elas são tão vítimas quanto nós adultos. Sendo que esse processo doloroso pode afetar a vida delas e comprometer a sua autoestima. A não valorização no ambiente escolar da história e cultura negra contribui para a discriminação e o preconceito na sala de aula como também, no que diz respeito à criança negra, baixa autoestima e prejuízos para sua identidade racial. Segundo a professora Ana Célia da Silva:

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos descritivos, por meio de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto-rejeição e negação dos seus valores culturais e em preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações. (SILVA, 2005, p. 22)

Sem sombra de dúvida, nossas identidades se constituem em um contexto de relações de poder, que passa por cima de algumas referências culturais e identitárias, para nos impor um modelo de cultura, de saber, por meio de discursos legitimadores que circulam na sociedade, nos quais as identidades afro-brasileiras, na maioria dos casos, são negadas. Entendemos que o desenvolvimento de atividades referentes à difusão da História e Cultura Afro-brasileira e Africana torna-se importante para contribuir com o rompimento de barreiras sociais e para o (re)conhecimento da população negra sobre suas raízes e sua história.

Nesse sentido, o professor(a) precisa ter uma postura e estar atento para essas questões e se colocar mediando seus alunos a esclarecer essas práticas racistas e preconceituosas com o objetivo de reforçar a autoestima deles. Quando as crianças possuem um conceito positivo sobre si próprio consequentemente, desenvolvem uma autoestima positiva, isto é, ao perceberem que são capazes e valorizadas por si e pelos outros, sentem-se importantes e terão orgulho da sua história, da sua estética, da sua raça e religião sem precisarem assemelhar-se aos outros para serem valorizadas. Por isso que o professor(a) tem um papel

importantíssimo nesse processo de construção da identidade étnicorracial dos seus alunos(as). É necessário que o professor compreenda a individualidade de seus alunos (as), pois faz parte de uma coletividade, ou seja, de um grupo cultural, racial e étnico.

A discussão entre a Literatura infantil afro-brasileira e o processo de valorização da autoestima no que diz respeito às relações étnicorraciais se faz necessário ser utilizado na sala de aula, pois usar essas histórias nas aulas se torna um precioso instrumento pedagógico que possui uma linguagem lúdica que ajuda o professor(a) em sala trabalhar as questões raciais e nas crianças aguça a curiosidade a ponto delas expressarem o seu interesse pelo tema. A Literatura também possibilita desconstruir as diversas representações simbólicas que de forma negativa ocupa o imaginário de meninas(os) negras(os) e atua sobre a sua cultura na estética, na religião, nas suas histórias e em seus espaços de sociabilidades. Portanto, retratar a história do negro é também se reportar ao processo indentitário desses indivíduos, buscando compreender os diversos sentidos que a sociedade brasileira dá a estes em relação ao seu lugar de pertencimento.

O quadro social tem revelado que o racismo tem marcado as relações étnicorraciais na sociedade brasileira e a escola, em sua grande maioria, nega a existência do racismo e com isso perde a oportunidade de se pensar em construir formas de combatê-lo para por fim a desigualdade social e racial. É nesse âmbito que a escola não pode se eximir de desfazer este preconceito e buscar eliminar atitudes racistas e discriminatórias por parte de segmentos da sociedade onde acabam estigmatizando uma parte significativa da população. A escola deve favorecer esta vivência e promover situações de discussões, diálogos, atividades e questionamentos sobre essa temática. A Pedagoga Jerusa Paulino da Silva nos diz que:

Uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, pode trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura. [...] Investir na construção de uma identidade significa abrir caminho para a revolução no jeito de pensar da sociedade contemporânea, pois os educandos de hoje serão a sociedade de amanhã. A literatura, nesse ínterim, pode ser um espaço de problematização do movimento ocorrido em nossa sociedade (SILVA, 2010, p. 35).

Diante do contexto dessa sociedade que discrimina as minorias étnicas, dentre as quais os negros sua cultura e estética, a escola se transforma em um espaço caracterizado pelas diferenças de convivência entre alunos dos mais diferentes perfis e classes sociais. Entretanto, a escola deve também compreender e respeitar esse contexto sócio histórico cultural, contribuindo assim para uma nova abordagem que inclua as diferenças e estimule a convivência entre as diversidades.

Kabengele Munanga (2005) nos diz que alguns professores(as) por não terem preparo ou preconceitos introduzidos desde infância não sabem lidar com situações de discriminação no ambiente escolar. Concordando com o autor, acredito que é necessário o professor ter uma nova postura perante as relações raciais e buscar através de práticas pedagógicas modos de despertar em seus alunos(as) a autoestima e a valorização da sua raça, como também se autoconhecer e conhecer a sua ancestralidade para a partir daí se sentir a vontade em falar sobre a cultura africana. Reconhecer sua origem é um caminho que oportuniza a libertação das imposições eurocêntricas que ao longo dos séculos vividos faz parte do imaginário da sociedade é a partir do conhecimento do passado africano que podemos construir um presente afro-brasileiro.

O ambiente escolar é um dos principais locais, fora do núcleo familiar, em que o aluno(a) aprende valores e se habitua a viver em sociedade. Entretanto, a desvirtuação desse modelo vem se tornando um fator preocupante. Muitos valores são esquecidos e o ambiente escolar muitas vezes reflete este que é um dos aspectos negativos da sociedade: *a discriminação*.

Para Cavalleiro:

O silêncio da escola sobre a dinâmica das relações raciais tem permitido que seja transmitido aos(as) alunos(as) uma pretensa superioridade branca, sem que haja questionamento desse problema por parte dos(as) profissionais da educação e envolvendo o cotidiano escolar em práticas prejudiciais ao grupo negro. Silenciar-se diante do problema não apaga magicamente as diferenças, e ao contrário, permite que cada um construa, a seu modo, um entendimento muitas vezes estereotipado do outro que lhe é diferente (CAVALLEIRO, 2006, p. 23).

Sabe-se que a escola desenvolve um grande papel na mudança social, tendo ela um espaço preponderante para a eliminação das discriminações, desigualdades e estereótipos racistas. No entanto, há por parte de alguns núcleos escolares um silenciamento e uma invisibilidade em se tratar das relações étnicorraciais no ambiente escolar. Esse silenciamento não contribui para a construção da identidade da criança negra pelo contrário, acarreta a baixa autoestima delas. É possível promover reflexões no cotidiano escolar que problematizem esse processo de exclusão constituído historicamente e aos poucos romper com a ideia de branqueamento que impera em nossa sociedade.

É nesse sentido, que a sala de aula é o espaço ideal para desenvolver uma educação para além das relações raciais devendo incluir a cultura de origem afro-brasileira. É indispensável que o professor(a) trabalhe com personagens negros (as), utilizando a Literatura infantil afro-brasileira e Literatura negra na qual vem nos mostrar que é possível romper com um imaginário estereotipado do negro, tão comum na Literatura de matriz europeia trazendo assim, resultados positivos para autoestima dessas crianças. Para Silva:

A presença do negro nos livros, frequentemente como escravo, sem referência ao seu passado de homem livre antes da escravidão e às lutas de libertação que ele desenvolveu no período da escravidão e desenvolve hoje por direitos de cidadania, pode ser corrigida se o professor contar a história de Zumbi dos Palmares, dos quilombos, das revoltas e insurreições ocorridas durante a escravidão; contar algo do que foi a organização sócio-política-econômica e cultural na África pré-colonial; e também sobre a luta das organizações negras, hoje, no Brasil e nas Américas. (SILVA, 2005, p.25).

Ou seja, a Literatura por meio de sua linguagem ficcional pode ser utilizada de maneira positiva para uma releitura da realidade, uma crítica de situações preconceituosas, permitindo ao professor trabalhar com o imaginário da criança de modo a fazê-lo refletir sobre sua maneira de se ver e ver o outro. A abordagem em sala das histórias infantis afro-brasileiras é importante no sentido da valorização da autoestima e étnica desses alunos e alunas e do conhecimento e reconhecimento da cultura destes. Esse referencial literário pode contribuir para que crianças produzam novos conceitos sobre o “*ser negro*” e na valorização da identidade afro-brasileira.

Trabalhar a temática da cultura afrodescendente a partir dessas Literaturas de matrizes africanas pode levar a criança a perceber e reelaborar os conceitos e preconceitos impostos a elas pela sociedade. Essa Literatura tem um papel importante no processo educativo, histórico, moral e na preservação das manifestações culturais da nossa sociedade. O processo de baixa autoestima no aluno negro provém do ambiente sócio histórico, reforçado muitas vezes pelas ações errôneas das escolas sobre esse sujeito. Cavalleiro (2005), fala que a escola tem sido palco de exclusões e disseminação de preconceitos e discriminações, e esta realidade promove aos alunos exclusão e/ou sentimento de interiorização racial. É imprescindível que se trabalhe em sala de aula com Literaturas infantis afro-brasileiras com a finalidade de valorizar a autoestima dessas crianças negras, onde conseqüentemente melhora o rendimento escolar e o interesse pela sua história, pela sua ancestralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o exposto em todo o trabalho, percebo a importância de discutir sobre a utilização da Literatura infantil afro-brasileira para valorizar a autoestima das crianças negras. Partindo da concepção que é nas séries iniciais do Ensino Fundamental que se desenvolve a formação leitora, devemos nós enquanto educadores comprometidos com a educação étnicorracial utilizar a Literatura para ampliar os conhecimentos culturais e étnicos dos alunos com objetivo de diminuir o preconceito e o racismo a gerações futuras. Paulo Freire destaca que “não faz parte da natureza do ser humano a perversidade do racismo. Não somos racistas, tornamo-nos racistas assim como podemos deixar de estar sendo racistas” (FREIRE, 2001, p.68).

Através destes estudos e reflexões realizados nesta pesquisa, compreendo que o hábito da leitura estimulada através da contação de histórias desde a educação infantil ajuda a formar cidadãos conscientes, críticos levando-os a adquirir conhecimentos e a refletir sobre a importância da Cultura afro-brasileira. Entretanto, considero que a utilização da Literatura infantil afro-brasileira no contexto da sala de aula contribui para a formação étnicorracial e a superação de estereótipos presentes contra os negros, não apenas no meio escolar, mas em toda a sociedade. É o despertar da consciência desses pequenos indivíduos através dessas histórias e contos, proporcionando a eles uma reflexão sobre si mesmo, seu papel na sociedade e primeiramente a sua autovalorização. Vejo que estas Literaturas permeiam a imaginação de quem ouve e em diversas situações o que foi contado ou lido é trazido para o real e por isso é importante este estímulo positivo através das diversas Literaturas que não marginalizam e nem discriminam nós negros.

É interessante colocar que a representação positiva de personagens negros na Literatura infantil não seja apenas condição suficiente para garantir a criança à afirmação de sua identidade racial. Penso que utilizar estas Literaturas na sala de aula seja a “válvula mestra” e funcione como um ponto de partida importantíssimo para que nossas crianças tenham acesso a sua história e a sua cultura de forma lúdica e não estigmatizada. Pois como vimos no decorrer deste trabalho à construção da identidade étnicorracial se dá principalmente, a partir da visão que o

outro tem do que é ser negro, na interação com o outro e com o meio em que vive durante toda vida, ou seja, nos diversos espaços sociais e não apenas na escola.

Já existe um grande acervo de histórias e contos de origem africana e afro-brasileira que contém personagens negros(as) enquanto protagonistas e principalmente sem representações estereotipadas ou negativas, auxiliando para o processo de autoconhecimento e desenvolvimento da autoestima das crianças negras. Neste trabalho analisei três histórias infantis com essas características e pude constatar a grande contribuição que as histórias infantis afro-brasileiras podem fazer na vida de uma criança negra, valorizando a sua autoestima e desconstruindo qualquer tipo de preconceito ou racismo existente no imaginário dela. O professor(a) tem nesse momento um papel fundamental nesse processo de construção da identidade afrodescendente das crianças negras.

Como professora fico satisfeita por ter tido a oportunidade de experimentar esse tipo de instrumento pedagógico em sala e vivenciar resultados positivos com relação ao respeito à diversidade racial e cultural. E como pedagoga e mulher negra fico realizada por ter passado um pouco do conhecimento e da história do nosso povo negro, ou seja, a sua cultura, os seus costumes e a sua Literatura para meus alunos(as). Porém, enfatizo que não tenho a intenção de defender uma fórmula perfeita para trabalhar a questão da valorização da autoestima das crianças negras, mas entendo que este recurso pedagógico seja um meio que podemos explorar mais e aplicá-lo na sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gercilga de. **Bruna e a Galinha D'Angola**. Rio de Janeiro: EDC- Ed. Didática e Científica e Pallas Editora, 2000.

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa; GOMES, Nilma Lino; JORGE, Miriam L. dos Santos. **Literaturas africanas e afro-brasileiras na prática pedagógica**. 1. Ed. Bel Horizonte: Autêntica, 2008.

BELÉM, Valéria. **O Cabelo de Lelê**. São Paulo: IBEP, 2012.

BRASIL. Lei 9394 – 24 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei 10.639/03 de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> Acesso em: 26 de Novembro de 2013.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de história e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Parecer CNE/CP 003/2004, de 10 de março de 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>> Acesso em: 19 de dezembro de 2013.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial**. Parecer CNE/CEB 15/2010, de 1º de setembro de 2010.

CANDORIN, Severino. **Monografia e tese passo a passo**. Rio de Janeiro: Sotese, 2002.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **Literatura Infantil: Visão histórica e crítica**. 2º Ed. São Paulo, Ática, 1982.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

_____. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 2. Ed, São Paulo: Contexto, 2003.

_____. Introdução. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03**. Brasília (DF): Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetizada e Diversidade, (Educação para todos) 2005.

_____. Introdução. In: **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Literatura infantil**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades**. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 25, n. 67, dez. 2005.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **À Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate sobre Relações Raciais no Brasil, uma Breve Discussão. In: Ricardo Henriques. (org). **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639 de 2003**. Ed. Brasília: DECAD – MEC, 2005.

_____. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo** – diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis/RJ, Vozes, 2008.

_____. Educação e relações raciais: discutindo algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC, 2005.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. In: **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.1 jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1>> Acesso em: 14 de novembro de 2013.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de apoio a universidade de São Paulo; Ed.34, 1999.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática de pesquisa**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LAJOLO, Marisa. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. Unicamp/IEL, 1998. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf>> Acesso em: 10 de janeiro de 2014.

_____. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

LIMA, Heloísa Pires. **Histórias da Preta**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

_____. Personagens Negros: Um Breve Perfil na Literatura Infanto-Juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC, 2005.

LIMA, Maria Nazaré Mota de. **Escola Plural: a diversidade está na sala**. 2. Ed, Editora Cortez, 2006. – (Série fazer valer os direitos; v.3).

LOBATO, Monteiro. **Tia Nastácia**. São Paulo: Ed. Nacional, 1937.

MACHADO, Vanda. **Ilê Axé: Vivências e Invenção Pedagógica – as crianças do Opô Afonjá**. 2ª ed. Salvador: Edufba, 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Editora Min. Educação, 2005.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura Infantil e Ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª edição, São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação do negro no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação. 2005.

SILVA, Jerusa Paulino da. **A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva**. 2010. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

SILVA, Maria Aparecida. **Cidadania em Preto e Branco**. São Paulo: Ática, 2000.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. DÉCADA encoberta. **Revista Educação**, São Paulo, Edição 200, Dezembro 2013. Disponível em <<http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/educacao/lei-10-639-03-e-outras/22687-lei-10-639-decada-encoberta-por-fernanda-castro>> Acesso: em 22 dezembro de 2013.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.) **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SOUZA, Florentina. **Solano Trindade e a produção literária afro-brasileira**. In: **Revista Afro-Ásia**. BAHIA. n.31. p. 277-293, Outubro-2004.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Globo, 2003.